

O BURACO¹

Helon da Silva COELHO²
Sue Ane Guimaraes CURSINO³

Universidade Federal do Amazonas, Parintins, AM

RESUMO

O objetivo é apresentar a crônica “O Buraco”. Trata-se de um texto em que retrata a perspectiva de um deficiente visual a cerca de questões sociais como a falta de estrutura nas ruas, acessibilidade e a insegurança ao caminhar sozinho. No paper, além de descrever a crônica como produto e seu processo de construção, faz-se ainda uma breve explanação sobre a origem do gênero crônica, suas características que relaciona jornalismo e literatura e cita algumas produções publicadas em jornais e renomadas revistas de Jornalismo Cultural no Brasil. O produto foi uma produção textual elaborada na disciplina de Jornalismo Cultural, ofertada no terceiro período do curso de Comunicação Social-Jornalismo, da Universidade Federal do Estado do Amazonas, campus de Parintins.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica; Deficiência Visual; Acessibilidade nas ruas; Jornalismo Cultural.

1 INTRODUÇÃO

Um dos problemas das cidades do interior do Amazonas é o buraco das ruas e calçadas (quando existem calçadas). Se para alguém que tem a visão normal o buraco causa transtorno, evidentemente que para um deficiente visual não seria diferente, e na crônica o buraco ganha a vida, ele não é mais apenas um empecilho a ser desviado, mas sim um ente que ganha maiores dimensões, derruba e constrange.

Dar ao buraco tal significado é possível por conta da narrativa da crônica. Ela é uma produção textual que trata de questões sociais ou algo que desperte ao autor uma opinião a cerca de um determinado assunto. Foi assim que surgiu a ideia de falar sobre buraco.

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Literário e/ou de Opinião (avulso/ conjunto e série) modalidade

² Aluno líder; estudante do 4º período de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins, Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia. E-mail: heloncoelho@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho, Mestranda do programa de pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA\UFAM). Graduada em Comunicação Social\Jornalismo (UFAM\ICSEZ). E-mail: sueannegcursino@hotmail.com

A origem da crônica remonta ao Egito antigo, quando os “Escribas”, que eram uma espécie de relatores dos reis, faraós ou pessoas que tinham poder aquisitivo elevado e relatavam as ações dos reis, com o intuito de os exaltarem às vistas da sociedade, muitas vezes com fatos duvidosos.

A palavra crônica vem do latim *Chronica* em origem desde o período cristão, onde se relatavam acontecimentos históricos em sentido cronológico, (a narração de histórias segundo a ordem em que se sucedem no tempo).

Segundo Marques de Melo, a crônica está na fronteira entre o relato real e o poético. Ela mescla características jornalísticas e literárias, mas não é nem uma reportagem e muito menos um conto. Ela está no jornal, na revista, na TV. “Produto do jornal, porque dele depende para a sua expressão pública, vinculada à atualidade, porque se nutre dos fatos cotidianos, a crônica preenche três condições essenciais de qualquer publicação jornalística: atualidade, oportunidade e difusão coletiva”. (MELO, 2003, p. 160).

Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari explicam o que pode ser a distinção entre reportagem e crônica. “a primeira [a reportagem] mostra fatos e faz com que o olhar do leitor penetre através do repórter, em espaços desconhecidos; a segunda [a crônica] não pretende que o leitor apenas veja os fatos: quer fazer enxergar o que está por trás deles” (1986, p. 94).

A crônica tem a linguagem simples, solta, por isso se aproxima de um grande público, de forma natural, é possível cativar leitores assíduos, chegando a vincular-se às colunas opinativas. Pode usar da ironia, metáfora, humor, drama, tragédia e ao mesmo tempo denunciar, ser crítica e reflexiva. Uma grande vantagem ainda é o caráter menos perecível da crônica, pois um texto feito hoje poderá ter ainda sentido se lido durante um grande espaço de tempo.

Mesmo com o passar do tempo, essa modalidade foi se mantendo viva, com o desenvolvimento da imprensa. Mais precisamente no século XIX, a crônica passa a fazer parte dos jornais, sua primeira publicação foi no jornal *Débats de Paris* no ano de 1799. Nesse período as crônicas eram publicadas no rodapé dos jornais, o texto descrevia acontecimentos históricos de forma mais crítica descrevendo fatos, de

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Literário e/ou de Opinião (avulso/ conjunto e série) modalidade

² Aluno líder; estudante do 4º período de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins, Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia. E-mail: heloncoelho@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho, Mestranda do programa de pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA\UFAM). Graduada em Comunicação Social\Jornalismo (UFAM\ICSEZ). E-mail: sueannegcursino@hotmail.com

maneira que o leitor pudesse obter informações nas crônicas, assim como obtinham em outros textos do jornal.

Pode se afirmar que a crônica histórica relatava a vida dos soberanos, bem como eventos e guerras, que pode ser encontrada na literatura babilônica, berço da escrita. Já na Europa medieval, religiosos e sacerdotes foram grandes cronistas, possibilitando assim historiadores reconstituírem fatos históricos de forma cronológica, que permitiu o conhecimento da Europa antiga no tempo dos grandes reinados. Escribas acompanhavam os reis em suas campanhas. Nesta condição Pero Vaz de Caminha veio ao Brasil no período da colonização portuguesa e escreveu as primeiras crônicas sobre o Brasil. Este foi um marco para o início da literatura no Brasil, segundo Jorge Sá:

[...] por mais que ele [Caminha] tenha afirmado [...] que “para o bem contar e falar, o saiba pior que todos fazer”, percebemos que tem consciência da possibilidade de “afomosear” ou “afear” uma narrativa, sem esquecer que a experiência vivida é que a torna mais intensa. Daí o cuidado em reafirma que ele escreve após ter ido à terra “para andar lá com eles e saber de seu viver e maneiras”: a observação direta é que o ponto de partida para que o narrador possa registrar os fatos de tal maneiras que mesmo os mais efêmeros ganhem uma certa concretude. Essa concretude lhes assegura a permanência, impedindo que caia no esquecimento, e lembra os leitores que a realidade – conforme a conhecemos, ou como é recriada pela arte – é feita de pequenos lances. Estabelecendo essa estratégia, Caminha estabeleceu também o princípio básico da crônica: registrar o essencial. A história de nossa literatura se inicia, pois com a circunstância de um descobrimento: oficialmente, a literatura brasileira nasceu da crônica (SÁ, 1997, p.5-7).

De acordo com Roberto Cereja & Thereza Magalhaes (2003), no Brasil a crônica surgiu aproximadamente á uns 150 anos, com os romancistas e o desenvolvimento da imprensa. Em principio as crônicas eram publicadas nos rodapés dos jornais. Temas como arte e literatura, política ou sociais eram assuntos comuns nessas publicações, porém com o passar dos anos foram ocorrendo algumas mudanças. A forma diminuiu de tamanho e o conteúdo não passava muitas informações, substituída por textos que falavam de fatos cotidianos de maneira artística e pessoal. “Sua linguagem tornou-se mais poética, ao mesmo tempo em que ganhou certa gratuidade em razão de vínculos com interesses e com mais informações presentes nas demais partes do jornal” (CEREJA & MAGALHAES, 2003, p. 285).

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Literário e/ou de Opinião (avulso/ conjunto e série) modalidade

² Aluno líder; estudante do 4º período de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins, Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia. E-mail: heloncoelho@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho, Mestranda do programa de pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA\UFAM). Graduada em Comunicação Social\Jornalismo (UFAM\ICSEZ). E-mail: sueannegcursino@hotmail.com

Segundo Daniel Piza 2003, a crônica é um gênero genuinamente brasileiro, apesar de estar presente em outros países como a França, por exemplo, mas foi no Brasil que ela teve mais expressividade, especialmente no entrelaçamento de jornalismo e literatura.

Já no fim do século XIX as produções jornalísticas eram inteiramente direcionadas a literatura, onde romancistas publicavam suas obras em folhetins que conseqüentemente viraram livros, destaques como Machado de Assis, Olavo Bilac, França Júnior, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Lourenço Diaféria, Luis Fernando Verissimo, Marcos Rey foram nomes que trouxeram uma personalidade genuinamente brasileira tão original e natural. “Dos textos híbridos que oscila entre a literatura e o jornalismo, a crônica é o resultado da visão particular e subjetiva do cronista a cerca de um fato qualquer” (CEREJA&MAGALHAES,2003, p. 285).

A crônica se apropria de uma linguagem única, atualizada e acessível, com a finalidade de passar a visão do autor de forma clara e objetiva, quase sempre explora o humor, às vezes diz as coisas mais serias por meio de uma aparente conversa fiada, ou tem a possibilidade de fazer poesias literárias de coisas mais banais e insignificantes. Um dos exemplos estava na Revista Senhor:

A Revista Senhor foi uma revista de Jornalismo Cultural que tinha como intuito passar uma proposta de modernidade e cultura na imprensa brasileira. Suas publicações marcaram época com seus textos variados e de excelente escrita. Produzida no período de 1959 a 1964, a revista demonstrou seu papel como um espaço central de discussão de temas culturais. Fruto de uma conjuntura específica, Senhor portou-se como uma enciclopédia dos anos 50 e início dos anos 60, divulgando, no conjunto de reportagens que produziu crônicas, ensaios, críticas e artigos, os valores e os movimentos culturais vigentes, muitas vezes expressando novas formas de comportamento, consideradas avançadas então (BASSO, 2005).

Dois livros assinados por Ruy Castro e Maria Amélia Mello relembram edições da revista Senhor que trazia poesia, contos, crônicas, ensaios fotográficos e traduções publicadas na revista que atendia a demanda mais culta e sofisticada da sociedade que surgiu no governo Juscelino Kubitschek. O projeto inicial foi pensado para atender ao homem contemporâneo. Na redação apareceram colaboradores de peso, como Clarice Lispector, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Nelson Rodrigues, Glauber Rocha, Darcy Ribeiro, Zuenir Ventura, Carlos Drummond de Andrade, João

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Literário e/ou de Opinião (avulso/ conjunto e série) modalidade

² Aluno líder; estudante do 4º período de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins, Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia. E-mail: heloncoelho@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho, Mestranda do programa de pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA\UFAM). Graduada em Comunicação Social\Jornalismo (UFAM\ICSEZ). E-mail: sueannegcursino@hotmail.com

Guimarães Rosa, Vinicius de Moraes, Luiz Carlos Maciel, Ferreira Gullar, Otto Lara Resende, entre tantos outros. Também lançou talentos, entre eles, Paulo Francis, Jaguar, Glauco Rodrigues, Luiz Lobo, Ivan Lessa e Carlos Scliar. Assim nasceu a revista Senhor conceituada revista de Jornalismo Cultural, que acabou por mudar (no bom sentido) a maneira de se fazer jornalismo.

A crônica é então um texto que pode reunir inúmeros assuntos do cotidiano que ganham importância a partir da subjetividade de quem a escreve. Diferente da reportagem, a crônica sugere a imaginação ao leitor e o guia a partir para um pensamento conclusivo ou reflexivo. Ela é singular.

2 OBJETIVO

O objetivo do desenvolvimento da crônica O Buraco é o de retratar o assunto sobre acessibilidade com um olhar mais crítico e claro na realidade das pessoas com deficiência visual ou mobilidades reduzidas, como por exemplo idosos, que sofrem com a falta de acessibilidade em calçadas e nas ruas. A proposta inicial do texto é passar com uma linguagem um tanto quanto poética os medos e receios de um deficiente visual, quando decide sair sozinho de casa.

É uma personagem que depois de pensar em questões sociais graves, como a violência nas ruas e assaltos, pode vir também a se preocupar com algo superficial como um buraco, por exemplo. O texto se utiliza de uma linguagem clara, objetiva e de fácil entendimento que proporciona ao leitor uma exata compreensão dos assuntos abordados.

3 JUSTIFICATIVA

Este tema foi definido com o intuito de passar as lutas de uma pessoa com deficiência visual na sociedade. No Brasil existem mais de 6,5 milhões de pessoas com deficiência visual, sendo 582 mil cegas e 6 milhões com baixa visão, segundo dados do Censo 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). A cada cinco segundos uma pessoa fica cega no mundo e uma criança perde a visão a cada minuto. São 285 milhões de pessoas vivendo com baixa visão ou cegueira.

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Literário e/ou de Opinião (avulso/ conjunto e série) modalidade

² Aluno líder; estudante do 4º período de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins, Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia. E-mail: heloncoelho@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho, Mestranda do programa de pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA\UFAM). Graduada em Comunicação Social\Jornalismo (UFAM\ICSEZ). E-mail: sueannegcursino@hotmail.com

Desses 39 milhões são cegas e 246 milhões têm moderada ou grave deficiência visual.

Observando esses dados conclui-se que existem muitas pessoas com deficiência visual no mundo, mas levando a análise particular parece que não é grande a demanda, por exemplo: em 2012 no curso de jornalismo da Ufam Parintins, apenas um deficiente visual concluiu a faculdade. Na minha sala, atualmente, sou o que menos enxerga, apenas 3 %.

Pensar nestes dados faz com que se faça uma pergunta: Será que existe acessibilidade que atenda as necessidades de todas estas pessoas?

O conceito de acessibilidade implica que todos devem ter direitos iguais de ir e vir, com acesso a espaços urbanos públicos sem quaisquer obstáculos ou barreiras que impeçam ao indivíduo de se locomover. Porém o que vemos nas ruas, e até mesmo nas instituições públicas, é o descaso do poder público em relação a este problema.

As consequências como à falta de acessibilidade, fazem com que o deficiente não consiga andar nas ruas com certa segurança, faz com que tenha receio de sair de casa, e não exerça o direito de autonomia. A crônica “O Buraco” retrata esta realidade, faz com que o “outro” possa refletir sobre o assunto, mostra que um simples buraco causa muita dor de cabeça, não só para condutores de veículos, pois impede o deficiente visual de ser confiante exercendo sua liberdade.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

No curso de jornalismo da Universidade Federal do Amazonas - Ufam, na disciplina Jornalismo Cultural, como exercício prático, fomos incentivados a produzir uma crônica. Quando instruído a fazer uma crônica foi pensado imediatamente em seu tema, acessibilidade.

Após muita pesquisa sobre conceito e as características de uma crônica e a definição do tema viu-se a melhor forma de como construí-la, pois o assunto escolhido tem certo peso emocional para um deficiente, pois a falta de acessibilidade nas ruas é uma consequência muito comum em inúmeras regiões do país.

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Literário e/ou de Opinião (avulso/ conjunto e série) modalidade

² Aluno líder; estudante do 4º período de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins, Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia. E-mail: heloncoelho@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho, Mestranda do programa de pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA\UFAM). Graduada em Comunicação Social\Jornalismo (UFAM\ICSEZ). E-mail: sueannegcursino@hotmail.com

Então era clara a necessidade de que houvesse um personagem para participar da narrativa sobre o que é do cotidiano de muita gente, desviar ou não de um buraco. Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari comentam que:

A crônica se detém mais em situações fortuitas e flagrantes do cotidiano; a condução narrativa é, quase sempre, de caráter impressionista, o narrador numa posição observadora ou reflexiva (é raro que se intrometa, por exemplo, em pensamentos de personagens) [...] Na crônica, os personagens são acidentes na narrativa, compõem um painel, atuam como figurantes. O narrador observa suas atitudes exteriores e flagra seus comportamentos contraditórios, engraçados, mesquinhos ou, mesmo, trágicos. Há ainda crônicas sem personagens, em que se registram impressões de ambiência ou se discutem questões polêmicas (SODRÉ & FERRARI, 1986, p. 86-87)

Foi necessária a lembrança sobre momentos vividos no cotidiano, relembrando cenas e anotando-as, em seguida viu-se que precisava de mais um toque literário e crítico. Deram-se pistas para que na imaginação o buraco ganhasse vida, por fim fez-se a revisão do texto.

A crônica passa inteiramente a visão de mundo da pessoa com deficiência visual e as dificuldades que sofre e pensa, mas trata o tema de maneira comum que o leitor possa conseqüentemente se identifique com esta situação abordada.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O produto avaliado é uma crônica intitulada O Buraco, tem como objetivo passar a visão de mundo de um deficiente visual, mas precisamente o modo que uma pessoa de baixa visão interpreta as coisas que vê, mesmo que seja de maneira turva ou simplesmente ouvindo, pois para um deficiente visual a audição se torna grande fonte de interpretação de tudo, fatos, lugares e andar, mas a falta de estrutura impede um bom desempenho nas ruas ao caminhar.

A crônica passa a maneira de agir, pensar e analisar as situações em que um deficiente vive, mas se apropriando de linguagem simples e clara, para que haja interação da parte dos leitores, e se identifiquem de alguma maneira com o assunto abordado no texto.

Falar sobre acessibilidade não é algo fácil, pois o assunto é tratado como notícia ou utilidade pública, então quando ouvimos falar de acessibilidade pensamos

em primeiro plano, nas rampas ou vagas destinadas a cadeirantes. Entretanto o

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Literário e/ou de Opinião (avulso/ conjunto e série) modalidade

² Aluno líder; estudante do 4º período de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins, Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia. E-mail: heloncoelho@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho, Mestranda do programa de pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA\UFAM). Graduada em Comunicação Social\Jornalismo (UFAM\ICSEZ). E-mail: sueannegcursino@hotmail.com

respectivo assunto não se resume apenas a isso, um buraco é o reflexo da falta de acessibilidade nas ruas. O mesmo representa barreiras, obstáculos que impede o deficiente de se locomover com segurança.

O título da crônica foi definido com o interesse de destacar o tema acessibilidade das tradicionais notícias veiculada constantemente na TV e nos jornais. E dar a um buraco uma característica singular, bem como representa medo ou indignação da parte individual de cada um, que por alguma eventualidade tenha sofrido com este problema “O Buraco”.

O primeiro parágrafo da crônica passa de maneira mais seria a reflexão inicial de muitos assuntos. Com os altos índices de violências, acidentes que preocupam a todos. Além de considerar muitas questões sociais sem solução imediata, o deficiente se preocupa também com um buraco que é visto como algo simples, mas que prejudica a todos sem exceção.

Para alguém que possui todos os sentidos normais, um buraco é sinônimo de descaso público, acidentes envolvendo automóveis e meios de transporte. Para um deficiente isto resulta em constrangimento, barreiras que impedem a locomoção e muita indignação. Ou seja, um buraco é algo ruim, afeta todos os indivíduos sejam deficientes ou não.

A maneira encontrada de abordar o assunto sem correr o risco de parecer um tema comum era dar uma personalidade única para ele. Como se fosse um criminoso astuto que ataca suas vítimas sem piedade, jogando as pessoas, estragando veículos, aparece na mídia, é alvo de promessas eleitorais que nunca são cumpridas.

Ele ganha braços, tamanho e assusta, parecendo um monstro. Um monstro que milhares de pessoas convivem, pois em lugares mais estruturados o buraco é um inimigo inexistente, que não problematizado com a devida cautela.

O texto foi escrito de maneira que parecesse um pensamento, que avalia muitos temas, e que oferecesse um toque drama, pois retrata os dilemas de um deficiente visual.

O desenvolvimento da crônica tem dois momentos, o primeiro é quando o autor narra seus pensamentos e dilemas que passam sua perspectiva de vida. E o

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Literário e/ou de Opinião (avulso/ conjunto e série) modalidade

² Aluno líder; estudante do 4º período de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins, Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia. E-mail: heloncoelho@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho, Mestranda do programa de pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA\UFAM). Graduada em Comunicação Social\Jornalismo (UFAM\ICSEZ). E-mail: sueannegcursino@hotmail.com

segundo momento é quando o buraco assume personalidade e torna-se personagem que desperta medo e repulsa no olhar do autor.

“A distinção crônica\reportagem nem sempre é muito nítida. Digamos que a reportagem precise de um fato real, não-inventado, e do testemunho deste fato, ainda que isto seja um artifício do narrador. Explicando melhor, o narrador tem que parecer estar presente (mesmo que não esteja). Isso pode ser feito tanto através do discurso em primeira pessoa, como sob uma narrativa onisciente que crie no leitor a impressão dessa presença” (SODRÉ & FERRARI, 1986, p. 91).

“Sendo a crônica uma soma de jornalismo e literatura (daí a imagem do narrador-reporter), dirige-se a uma classe que tem preferência pelo jornal em que ela é publicada (só depois é que irá ou não integrar uma coletânea, geralmente organizada pelo próprio cronista), o que significa uma espécie de censura ou, pelo menos, de limitação: a ideologia do veículo corresponde ao interesse dos seus consumidores, direcionados pelos proprietários dos do periódico e/ou pelos editores-chefes da redação. (SÁ, A crônica. 1985: p. 7)

6 CONSIDERAÇÕES

Um deficiente visual baixa visão, tem o olhar limitado de muitas coisas, entretanto a limitação não impede de ver as coisas mais simples, como um buraco, por exemplo. Que se não dado à devida importância acarreta-se em uma consequência ainda maior. Esse pensamento faz um paralelo com o jornalismo como avaliar fatos simples que conseqüentemente viram grandes produções jornalísticas ou literárias de fácil entendimento a todos os níveis sociais, sem fazer distinção de cor, condição financeira e por que não dizer deficientes, mas ainda assim, há na mídia hegemônica a pouca divulgação sobre situações que envolvem as minorias, com exceção dos casos polêmicos e espetaculares.

A crônica, ainda que literária, não trata o assunto de modo sensacionalista, especialmente quando apenas no fim se trata de uma visão ou reflexão sobre a deficiência visual.

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Literário e/ou de Opinião (avulso/ conjunto e série) modalidade

² Aluno líder; estudante do 4º período de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins, Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia. E-mail: heloncoelho@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho, Mestranda do programa de pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA\UFAM). Graduada em Comunicação Social\Jornalismo (UFAM\ICSEZ). E-mail: sueannegcursino@hotmail.com

Sabemos que a maioria tem acesso aos produtos jornalísticos, e é o jornalista quem tem o poder de transmitir histórias com inteira opinião acerca dos respectivos assuntos, sem pôr a informação de lado.

Na disciplina Jornalismo Cultural, podemos ver outras maneiras de se fazer Jornalismo, como produzir textos literários que passam a realidade de fatos cotidianos, de maneira oposta do tradicional lide, que é bastante utilizado nas produções jornalísticas, além da liberdade de inserir temas não tão usuais na mídia tradicional\convencional. A crônica é uma destas produções, pois passa informações, fatos ou acontecimentos vivenciados pelo autor, de maneira que se tornem narrativas com um fundo crítico, irônicas e até mesmas humor.

O resultado da crônica “O Buraco” foi satisfatório, pois foi de grande êxito em transmitir a mensagem repassada a partir da reflexão feita através de uma crônica, fez com que os leitores mesmo que só refletindo sobre o tema abordado passem a analisar uma situação e um fato vivido, na perspectiva de um deficiente visual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSO, Eliane Fatima Corti. **Revista Senhor: modernidade e cultura na imprensa brasileira**. 239 p. São Bernardo do Campo, SP, 2005. Tese – UMESP

CEREJA, Willian Roberto. **Português: linguagens**: volume único/ Willian Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhaes – São Paulo: Atual 2003.

MELO, Marques. **Jornalismo Opinativo**. Brasil: Mantiqueira, 2003, p. 160.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. 1. Ed. Brasil: Contexto, 2003

SÁ, Jorge de. **A crônica**. 5. Ed. São Paulo: Ática, 1997.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria H. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo, Summus, 1986.

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Literário e/ou de Opinião (avulso/ conjunto e série) modalidade

² Aluno líder; estudante do 4º período de Comunicação Social-Jornalismo da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins, Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia. E-mail: heloncoelho@hotmail.com

³ Orientadora do trabalho, Mestranda do programa de pós-graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA\UFAM). Graduada em Comunicação Social\Jornalismo (UFAM\ICSEZ). E-mail: sueannegcursino@hotmail.com